

FARMÁCIA Conhecimento tradicional sobre plantas medicinais nativas é raro, hoje, em Minas Gerais

Sabedoria antiga em risco

Na região por onde passa a antiga Estrada Real, que ligava Rio de Janeiro e Minas Gerais no período colonial, o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais nativas vem se perdendo. Tal conhecimento ainda é mantido, parcialmente, por poucas pessoas, em geral idosas, pois os mais jovens não têm interesse na medicina tradicional. Com isso, algumas plantas usadas como remédios há quase 200 anos são pouco utilizadas hoje. Por **Maria das Graças Lins Brandão**, da Faculdade de Farmácia e do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e **Roberto Luís de Melo Monte-Mór**, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

É um fato inquestionável o alto valor que as plantas medicinais apresentam hoje como fonte de novos medicamentos e cosméticos. O Brasil é um país privilegiado nessa área, já que conta com a maior biodiversidade do planeta. Muitos produtos utilizados hoje no mundo têm origem brasileira e alguns foram descobertos ainda durante a colonização do país, a partir da observação do uso das plantas pelos povos indígenas.

O crescimento do setor de fitoterápicos vem estimulando pesquisadores e indústrias internacionais a investir em pesquisa de novos produtos naturais. Os avanços nos processos biotecnológicos e a facilidade de registro de marcas e patentes em instituições internacionais também têm estimulado, na área de plantas medicinais, a biopirataria, ou

A ipecacuanha (*Psychotria ipecacuanha*) (A), cujas raízes foram muito usadas no passado, na medicina tradicional, foi citada nos cadernos de campo (B) de Auguste Saint-Hilaire, que esteve na região da Estrada Real no século 19 e levou uma amostra (C), hoje depositada no herbário do Museu de História Natural de Paris



seja, a retirada e transporte ilegais de espécies da flora. Por outro lado, a fitoterapia praticada no país vem se baseando no uso de plantas exóticas (nativas de outros continentes) introduzidas no Brasil desde o tempo da colonização (ver 'Nossos fitoterápicos de cada dia', em CH nº 175).

Em estudo anterior demonstramos como o acelerado processo de urbanização da região de São Félix do Xingu (PA), na Amazônia, contribui para a perda do conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais nativas da região, especialmente as usadas no tratamento da malária (ver 'Plantas medicinais: um saber ameaçado', em CH nº 206). Agora, em outro estudo, avaliamos o emprego atual, no entorno da Estrada Real, em Minas Gerais, de plantas medicinais que a população usava no século 19. Esse trabalho integra um amplo projeto voltado para a recuperação de dados e imagens das espécies empregadas na medicina tradicional brasileira. O projeto é coordenado pela UFMG, em colaboração com as universidades federais de São João del-Rei, dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, de Juiz de Fora, de Ouro Preto e de Viçosa, todas de Minas Gerais.



Com a descoberta das minas de ouro e diamantes, no período colonial, a província mineira desenvolveu-se rapidamente. Após a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, foi autorizada a entrada de naturalistas estrangeiros no território da colônia, e nas décadas seguintes muitos deles vieram estudar as riquezas naturais brasileiras, entre elas as de Minas Gerais. Alguns dos mais destacados foram o francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), o austríaco Johann Emanuel Pohl (1782-1834), além dos alemães Johann Baptiste Spix (1781-1826), Carl Friedrich von Martius (1794-1868) e Georg von Langsdorff (1774-1852). A contribuição dos naturalistas para o conhecimento da flora brasileira é incalculável: eles descobriram centenas de plantas novas e descreveram os usos medicinais de várias. Muitas plantas citadas por eles tiveram seu uso medicinal oficializado pelo governo brasileiro, ao serem incluídas, em 1926, na primeira edição da *Farmacopéia brasileira*. No entanto, poucas dessas espécies foram incluídas nas edições seguintes, publicadas em 1959, 1977 e a partir de 1996.

A pesquisa sobre o conhecimento de plantas medicinais vem sendo realizada ao longo do percurso da antiga Estrada Real, o caminho utilizado no período colonial para as viagens entre o Rio de Janeiro e a região das minas e o escoamento do ouro e dos diamantes. Foram visitados 148 municípios e entrevistados 152 homens e 54 mulheres considerados informantes-chave, ou seja, pessoas tidas pela comunidade como conhecedores dos 'remédios de raiz', 'remédios do mato' ou 'remédios da tradição'.

A pesquisa tem revelado aspectos interessantes – e preocupantes. Um deles é a elevada faixa etária dos conhecedores das plantas nativas (média de 70,4 anos para os homens e 71,6 para as mulheres, na região estudada). Essas pessoas nasceram antes da década de 1940, ou seja, antes do processo de urbanização e industrialização do estado, e cresceram em época anterior à introdução de medicamentos sintéticos no mercado brasileiro por indústrias farmacêuticas internacionais. Outra constatação é o número muito reduzido de conhecedores de plantas em faixas etárias mais baixas, indicando que o conhecimento não está sendo repassado às gerações seguintes. Muitos informantes reclamam que seus descendentes não têm interesse em aprender sobre as plantas medicinais. A grande maioria dos entrevistados obteve esse conhecimento

Copaíba (gênero *Copaifera*)
encontrada no distrito de Ipoema,
no município de Itabira (MG)



A carqueja (*Baccharis genisteloides*) (A) é outra planta citada por Saint-Hilaire em seu caderno de campo (B). O naturalista também levou uma amostra (C) para o herbário do Museu de História Natural de Paris. A espécie ainda é utilizada na medicina tradicional em Minas Gerais

495 *Milastrom* en fruit vers le sommet de la mont
y-deux Arbrif de 2 1/2 à 3 folia 4-fariam disjuncta
*N. V. Carqueja. Toute la plante est extrêmement amère
Son amertume surpasse celle du quina et de la Gentiane. On
l'emploie dans la fièvre intermittente



no núcleo familiar, sendo os pais e os avós as principais fontes dessa informação. Finalmente, o fato de essas pessoas viverem em municípios de pequeno porte foi importante para que mantivessem o saber sobre as plantas. Nas áreas urbanas, a tendência é cultivar, em hortas e jardins, plantas em sua quase totalidade vindas de outros continentes.

Algumas espécies citadas por um ou mais naturalistas, como carqueja (*Baccharis genisteloides*), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), imbaúba (*Cecropia hololeuca*) e caroba (*Jacaranda caroba*), são conhecidas por 89% (ou mais) dos entrevistados (homens e mulheres). Já a quina (*Remijia ferruginea*) é conhecida por 89% dos homens e 81% das mulheres, e a copaíba ou pau-d'óleo (espécies do gênero *Copaifera*) por 80% dos homens e 57% das mulheres. Outras duas espécies também citadas pelos visitantes estrangeiros – cainca (*Chiococca brachiata*) e pacová (*Renalmia exaltata*) – são conhecidas por menos da metade dos entrevistados. Apenas 2% dos homens e 1% das mulheres ouvidos na pesquisa ainda empregam a verdadeira ipecacuanha (*Psychotria ipecacuanha*), muito utilizada no passado, e praticamente ninguém conhece a tingoassuiba (*Zanthoxylum tingoassuiba*). Esse quadro é preocupante porque, mesmo entre as pessoas mais idosas, que vivem em uma região onde as tradições são preservadas, como é o caso da Estrada Real, muitas plantas medicinais não são mais conhecidas.

Os resultados do estudo revelam que o conhecimento tradicional das plantas medicinais nativas do Brasil vem sendo ameaçado. A alta faixa etária dos conhecedores dos remédios, associada ao desinteresse das novas gerações, confirmam essa tendência. No documentário 'Plantas medicinais: um saber ameaçado', produzido pela Faculdade de Farmácia da UFMG, essa situação é descrita, esperando-se que, a partir dele, sejam adotadas estratégias para valorizar e proteger as pessoas que conhecem as plantas nativas, verdadeiros 'arquivos-vivos' sobre a flora medicinal brasileira.